



**Breve Manual para a Narração
de Experiências Inovadoras**



© Organização dos Estados Ibero-americanos
para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), 2003
Programa Inovações no Ensino Médio

Bravo Murillo, 38
28015 Madri, Espanha
Tel.: (34) 91 594 43 82
Fax: (34) 91 594 32 86
<http://www.oei.es/>
oeimad@oei.es

Este texto pode ser reproduzido parcial ou totalmente sempre que se faça constar explicitamente o nome da OEI e o título do documento de onde se extraiu.

BREVE MANUAL PARA A NARRAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS INOVADORAS¹

Este manual foi escrito para facilitar aos docentes² e/ou aos diretores de instituições educacionais a tarefa de transmitir experiências singulares que hajam sido executadas nas salas de aula ou nas instituições onde trabalham.

Pretendemos ajudar para que se conheça esse trabalho no qual se pôs esperança e energia para solucionar um problema concreto de um modo diferente. Com isto, permitiremos também que aqueles que formaram parte da experiência recebam o reconhecimento que merecem.

Sabemos que são muitos os que desejam conhecer essas interessantes idéias que foram postas em prática em alguns centros educacionais de modo experimental, e que, graças a um esperançado trabalho, deram seus frutos. Essas experiências não merecem cair no esquecimento e perder-se na memória dos que as realizaram. Pensamos que nossa missão como docentes foi desenvolvê-las, e que, agora, nos corresponde relatá-las para que outros possam aproveitá-las.

A educação é uma atividade dinâmica, que necessita da renovação como fonte energética para poder seguir sua caminhada para um futuro cada dia melhor.

¹ Documento elaborado para a OEI por Pilar Capelastegui, docente e especialista em arte espanhola contemporânea. Foi diretora adjunta da Agencia Nacional Sócrates de Espanha (Programa Europeu de Educação).

² Este *Breve Manual* está orientado a docentes, educadores e animadores de experiências inovadoras, tanto da educação formal como da não-formal.

O que é uma experiência inovadora? Pode considerar-se uma experiência inovadora o que nós fizemos?

A primeira pergunta que, certamente, formularam é o que significa “experiência inovadora”, já que, talvez, ao longo de suas vidas como docentes realizaram algumas propostas singulares ou diferentes em matéria de educação e agora desejam saber se podem considerá-la como tal.

A amplitude de propostas que poderiam encaixar neste enunciado-nos convida a esmielhar as características do que estamos dispostos a considerar como “experiência inovadora” no âmbito da educação, e começar por apontar os aspectos mais importantes que nos levarão a uma compreensão mais clara do conceito “inovador”.

Um dos aspectos que gostaríamos de ressaltar é o de **oposição**, ou, se preferem, o de **ruptura**. Para inovador há que mudar algo, e se cremos que algo deve ser mudado, é porque já não funciona como deveria, ou seja, não se obtêm os resultados desejados. Quem é o autor dessa reflexão? Em geral, um docente, mas pode tratar-se também de alguém que tenha outras responsabilidades, além da docência. Vejamos as características desse **promotor da mudança**:

- *Um docente que decide mudar uma prática habitual que não funciona e que introduz modificações para promover um trabalho de sala de aula diferente. Às vezes a eliminação de uma prática é uma inovação na atividade. Este tipo de proposta é, geralmente, imaginativa, está vinculada a um trabalho direto com os alunos e é freqüente obter de seu seguimento um benefício ou resultado visível a curto prazo.*
- *Um docente com responsabilidade sobre outros docentes (chefe de departamento, de área ou de nível educacional) que promove mudanças em todo um setor da instituição. Trata-se de um projeto educacional orientado a transformar o ensino de uma matéria ou de um nível educacional, gerando novas ações ou métodos para conseguir os fins propostos. Para realizar este tipo de experiências é imprescindível uma boa dose de organização e de gestão.*
- *O responsável de uma instituição que se anima a promover mudanças em atitudes, em organização e em métodos, e que decide estabelecer contatos com outras instituições, sendo conscientes de que um projeto institucional pode estar estreitamente ligado às obrigações ditadas pela Administração e que este fato pode dificultar a obtenção de resultados evidentes a curto prazo.*

Ainda com estes inconvenientes, se obtêm experiências inovadoras. O que não resta dúvida é a importância que tem o apoio da equipe diretora no êxito das inovações que os docentes propõem.

Entre os traços que poderiam qualificar como inovadora uma iniciativa, destacamos:

- A **originalidade**, característica ligada a muitos docentes no momento de se defrontar com suas tarefas e de resolver as situações que se apresentam a eles.
- A **especialidade**, já que foi detectado algo que é necessário mudar e que, em geral, sucede uma situação concreta que requer uma solução adequada e imaginativa.
- A **descentralização**, considerando que se trata de um trabalho que nem sempre está vinculado a um sistema educacional, mas que surge debaixo, gerando um sistema próprio e singular para a resolução de um problema.
- A **autonomia**, dado que o problema deve ser resolvido com os recursos disponíveis ou com aqueles que, de modo independente, consiga a instituição educacional, sem esperar que a Administração resolva a situação com dotações extraordinárias.
- A **investigação**, já que o docente ou os docentes que detectaram a necessidade da mudança tratam de lhe dar solução, promovendo um trabalho investigador que os leva a conseguir informação e ajuda para resolver suas dúvidas.
- A iniciativa tratará de dar resposta aos problemas que foram detectados; por isso, o trabalho partirá de uma **análise da realidade**. Neste processo analítico será constatado que os procedimentos que habitualmente haviam sido colocados em prática já não funcionam, conseqüentemente, conceberemos uma nova idéia e a promoveremos. A tarefa não é pequena, porque deve estar encadeada no desenho curricular do centro no nível educacional e/ou na disciplina ou matéria a ministrar. Dessa forma, a experiência também deverá contribuir a lograr o cumprimento dos objetivos gerais do currículo.

Reiteramos que uma experiência inovadora geralmente é promovida por um ou vários docentes que possuem um grande conhecimento de sua matéria de forma que lhes facilitará produzir uma mudança. Tal mudança deve gerar interesse por parte dos demais docentes e dos alunos, que haverão de vincular-se de maneira ativa à experiência, por isso é conveniente realizar um **trabalho de persuasão** ou de sedução sobre a conveniência de lançar o projeto. Também se deve insistir nas necessidades dos alunos e em sua problemática de modo que percebam que as novidades que serão produzidas se adaptam ao requerido. Convém que a iniciativa os atraia com atividades aprazíveis, que transmitam os conhecimentos de um modo lúdico ou de seu interesse (esporte, música, etc.), ou nos aproximamos da sua problemática (táticas para a resolução de conflitos, assumir riscos, tomada de decisões, elementos que favoreçam seu acesso ao mercado laboral, a sua autonomia, etc.).

Uma experiência inovadora deve contar com a opinião do resto dos colegas, e, antes de iniciá-la, terão de se contrastar os pareceres de modo que do debate resulte em um enriquecimento da idéia e em um fortalecimento da mesma, graças ao **consenso**. Também deve ser compartilhada com os estudantes, que apreciarão o interesse que se tem por sua educação e pela melhora da mesma. Igualmente, deveria ser compartilhada com as famílias, de modo que os pais se co-responsabilizem pela educação e pelo futuro de seus filhos.

Uma das tarefas mais complexas é a de tentar classificar os **tipos de iniciativas** que se pode empreender, e que costumamos qualificar como inovadoras. A criatividade educativa não tem limites, e, ao tentar categorizá-la, tememos deixar de fora alguns aspectos que teriam que ser contemplados. Ainda assim vamos nós arriscar a expor uma proposta tipológica de experiências inovadoras com o objetivo de contribuir com algumas idéias.

Iniciativas geradas pelos docentes em seu trabalho direto com o alunado

- *Mudança de método docente:* partindo de um tema, projetos interdisciplinares, etc.
- *Mudança de práticas docentes,* recordando que a eliminação de uma prática habitual pode ser considerada como uma inovação em alguns contextos: fomentar a participação ativa do alunado, estabelecer um vínculo direto com a aplicação do conhecimento, simulação de situações reais, educação para o trabalho, etc.
- *Mudança nos procedimentos educativos:* trabalho em grupo, trabalho colaborador com alunos mais avançados que ajudam seus companheiros, etc.

- *Mudança nas atividades*: trabalho com outras instituições, com empresas, com ONGs, com agrupamentos, sindicatos, partidos políticos, etc.
- *Mudança de espaços*: trabalho de aula viva na natureza, na empresa, no museu, na biblioteca, etc.

Se o promotor é a **instituição**, as experiências inovadoras são de outra natureza e podemos agrupá-las desta maneira:

- Novas ações, além das habituais na instituição, também chamadas atividades extra-escolares, que podem ser lúdicas (como espetáculos, teatro, representações, etc.) ou de formação de pais. Este tipo de experiências fomenta o trabalho em grupo e o sentido de responsabilidade, e fortalece os laços da comunidade educacional.
- Novas produções, criação de redes de instituições educacionais, colaboração com outras instituições para temas comuns, etc.
- Novos contatos e vinculação com empresas, museus, bibliotecas, ONGs, associações, partidos políticos, sindicatos, etc.

Os **objetivos** de cada experiência, em geral, estão em consonância com o problema ou os problemas detectados, e o primeiro de todos é tratar de dar-lhes uma solução. No entanto, podemos indicar uma série de objetivos que podem caracterizar uma experiência inovadora:

- Promover a capacidade do aluno/a para que adquira, pouco a pouco, o sentido da responsabilidade.
- Fomentar no/a aluno/a a tomada de decisões de maneira autônoma.
- Contribuir para que o/a aluno/a conheça o meio em que se desenvolve.
- Contribuir para a compreensão do mundo do trabalho.
- Contribuir para a autoformação dos alunos.
- Melhorar o compromisso crescente dos pais na educação.
- Incrementar o vínculo da instituição educacional com a comunidade.

Terminada a experiência, seu promotor, superada a sensação que produz culminar em um processo em que se aplicou muita energia e esperança, no qual se apostou

e arriscou, procede à análise da mesma. É o momento da **avaliação** final. É a hora de revisar a teoria que se colocou em ação e de considerar a prática e seu resultado a partir de uma análise crítica que leve a corrigir os aspectos mais débeis do projeto. Uma boa experiência deve realizar uma avaliação contínua, ou seja, desde o início de sua caminhada deve revisar cada passo que se dá, já que, se nas primeiras fases não se conseguem os resultados esperados, é preciso introduzir as modificações pertinentes, de modo que a experiência tenha um bom fim.

Examina-se, antes de tudo, o grau de cumprimento dos objetivos propostos, os quais se quiseram conseguir mediante o trabalho de ação direta com o alunado, mas também se consideram as mudanças que a experiência produziu em outros níveis. Por exemplo, na instituição educacional onde, devido ao trabalho posto em comum e ao contraste de opiniões com o resto dos docentes, se promoveu a reflexão, o diálogo, a análise crítica. Também pode haver contribuído a gerar uma atitude investigadora ou à revisão das estruturas de organização dentro da instituição.

Uma vez realizada, o promotor da iniciativa se sente orgulhoso de havê-la promovido e dos logros alcançados, e procede a **difundi-la** e a buscar sua transcendência a fim de que não fique circunscrita ao benefício dos/as alunos/as que a executaram, senão que seja suscetível de poder aplicar-se em outros contextos. Essa difusão contribuirá ao reconhecimento profissional dos/as alunos/as – como estudantes que conseguiram sua promoção ou seu acesso ao mundo laboral – assim como seu reconhecimento pessoal, já que se sentirão satisfeitos de haver formado parte e de haver contribuído ativamente para que a experiência tivesse êxito.

Até aqui se têm exposto os traços que caracterizam uma ação inovadora segundo nossa consideração. Não obstante, é provável que a experiência que vocês hajam efetuado não se ajuste ao esquema apresentado, mas, sim, que resultou inovadora. Pode ser que só se atenha algumas das características assinaladas, mas nem por isso deixa de valer a pena ser relatada.

Por que devo relatar a experiência? Para que serve documentar?

Uma das tarefas que menos atraem o professorado é a de documentar e a de relatar aquilo que se tem produzido. A prática docente se vê recompensada pela satisfação de constatar o progresso nos estudantes, e tal satisfação se completa com o intercâmbio verbal, momentâneo, desses logros com outros colegas. Entretanto, a

cada ano, realizamos programas didáticos específicos, às vezes informes intermediários, e, certamente, um informe final de cada curso acadêmico. A maioria dos docentes o fazem sem vontade e com muito menos interesse do que quando o praticam. Relata a experiência singular que hoje nos ocupa não é obrigatório; no entanto, cremos que existem motivos convincentes pelo que devemos fazê-lo.

Em primeiro lugar, o relato de nossa experiência é um dever com **nós** mesmos, porque merecemos que se conheça e se reconheça uma idéia e os resultados obtidos. É um dever com os **estudantes** que participaram nela, porque se sentirão tanto ou mais orgulhosos de havê-la realizado. É um dever com a **instituição** educacional, que contará com um elemento a mais em seu arquivo histórico, que facilitará a tarefa de elaborar, um dia, o relato de sua caminhada educacional. E é um dever em relação com **outros docentes** e com outras instituições educacionais, porque o resultado obtido é o fruto da árvore que alimenta a uma só pessoa, e a difusão (o relato) é a semente que pode gerar outras árvores frutíferas que contribuam para iniciar um **efeito multiplicador** imprescindível na progressão educacional.

Pensemos que com nosso relato ajudaremos a cumprir um dos principais objetivos da docência, que é a constatação do prazer e do esforço implícitos na tarefa de ensinar, assim como o prazer e o esforço que requer o aprender. Sejam conscientes de que a narração de nossa experiência pode favorecer o desenvolvimento pessoal de outros docentes ensinando a ensinar, demonstrando como **aprendemos a ensinar com a prática**, com o desejo de fazê-lo cada dia melhor. Com isso também colocamos nosso grão de areia à avaliação da prática docente.

O relato deve ser completado com os **documentos** que foram sendo gerados ao longo da experiência, como são a bibliografia utilizada, os materiais utilizados e os criados, assim como imagens (filmagens, fotografias) do processo. Esta e outra documentação, como podem ser a apresentação do projeto, os rascunhos, as modificações realizadas nela, o informe final, etc., são a base, os pilares sobre os quais construiremos o relato da experiência.

O que interessa aos outros do trabalho que nós realizamos?

A narração é o aspecto fundamental da memória da experiência, e há de ser concisa, clara e coerente a fim de facilitar a compreensão dos leitores, que, de modo geral, serão outros docentes. É importante que vá acompanhada dos documentos utilizados e gerados, pois tudo isso constituirá a história da experiência.

Além do que poderíamos denominar uma “ficha básica”, em que há de constar os dados da instituição, dos autores, dos participantes e outros que sirvam para identificar a experiência (datas, duração, etc.), temos que proporcionar um dado importante, que é a **denominação** da experiência. Pensemos por um momento no significativo que é dar-lhe um nome próprio, ou seja, apropriarmos dela, fazê-la nossa e dotá-la de concreção e de singularidade.

O relato deve estar bem estruturado e ser coerente, a fim de lograr que os leitores compreendam as idéias pedagógicas lançadas com a profundidade necessária. Portanto, procede que se realize seguindo a seguinte ordem seqüencial:

Interessa a gestão da experiência

Deve-se começar expondo a idéia que propiciou a mudança que se produziu, e a reflexão do porquê foi essa idéia e não outra. Também pode interessar a explicação dos antecedentes desta experiência, se é que os conhecemos, e o modo pelo que acedemos a eles.

Para expressá-lo com mais clareza, convém expor o raciocínio dessa **oposição inicial**, da qual partiu a idéia a que fazíamos referência no início deste guia.

Interessa o planejamento da experiência

Pensem, na hora de relatar, que muitos de seus leitores tiveram idéias parecidas em situações semelhantes, mas que, por diversas razões, não puderam colocá-las em prática. Por isso, é tão importante a narração do processo de planejamento.

Nesse aparte não devemos ocultar as dificuldades iniciais, mas explicar como se superaram. É importante apontar como se conseguiu que em um grupo de **docentes** que deviam dar seu consenso para realizar a iniciativa não prevalecesse o ponto de vista pessimista que promove opiniões como “isso também não funcionará”, “vai dar-nos muito trabalho para nada”, etc. Também se deve mencionar a maneira como se incorporaram aspectos críticos que melhoraram a proposta inicial graças ao debate surgido, como chegamos ao consenso, etc.

Quanto à aproximação ao **mundo dos estudantes**, há que assinalar se lhes foi apresentada uma exposição prévia do que se iria realizar. Se os alunos puderam intervir com suas opiniões e se demonstraram interesse ou indiferença.

Como buscamos e se conseguimos articular uma **linguagem comum** (entre os docentes, entre docentes e estudantes, entre docentes e instituição educacional, etc.) que nos permitisse avançar na experiência sabendo para onde pretendíamos encaminhar-nos.

O consenso nos leva à **identificação dos objetivos** da experiência. Pode ser que nesse sentido se reabrisse o debate com o dilema entre o possível e o desejável. Portanto, haveremos de relatar como conseguimos cingir os objetivos que podíamos alcançar com os meios disponíveis.

Por fim, chegamos à **filosofia do projeto**. Como logramos que se compreendesse o projeto, estabelecendo um programa de trabalho real, uma distribuição eqüitativa e apropriada das tarefas e um compromisso de realização das mesmas.

Interessa saber como se realizou

Esta é a parte mais importante do relato, em que o narrador se sente mais seguro posto que constitui a materialização de um anelo. A experiência foi realizada e a recordamos passo a passo; não queremos esquecer nada do que aconteceu e pode ser que nos excedamos na extensão da narração. Sejam concretos e não esqueçamos nada do que foi relevante.

Neste ponto tampouco haveremos de eludir a narração das dificuldades do andamento, se houve, porque não faríamos justiça ao desenvolvimento completo da experiência. Às vezes, o de maior interesse para os outros é saber o modo pelo qual se superaram os obstáculos iniciais, os inesperados, ou os que surgem ao longo do projeto.

O ponto a destacar é, sem dúvida, o relativo aos **aspectos pedagógicos** que se aplicaram; são estes aspectos os que devem ser relatados com profundidade, a fim de facilitar a compreensão da experiência. Não estamos aconselhando que a narração seja muito longa, mas que não se esqueça o significativo do processo ativo da mudança. Relatar aquilo que havíamos decidido realizar e que agora colocamos em andamento e como fizemos, com outra metodologia, outras práticas, outros procedimentos, outras atividades, outros ambientes, etcétera.

Não se deve esquecer, se procede, a ênfase que se deram para reforçar alguns temas chave relacionados com a formação para o emprego, como pode ser a contribuição a:

- A transferência de responsabilidade ao estudante.
- A educação em valores.

- O processo de autoformação.
- A transmissão de conhecimentos práticos.

Do mesmo modo, é conveniente mencionar a **evolução da atitude** dos/as alunos/as conforme avança a realização da experiência. Se foi percebido entusiasmo, interesse ou indiferença.

Outras indicações que não devem faltar no relato são os recursos didáticos empregados, os espaços utilizados, e, certamente, as anedotas (que seguramente existiram e que podem alegrar a redação e, com isso, a leitura da narração).

Interessam os resultados e os sucessos obtidos

Em primeiro lugar, temos de valorizar o grau de consecução dos objetivos que nos havíamos proposto. É possível que foram cumpridos só parcialmente, mas também é possível que tenhamos logrado outros que não havíamos previsto. É necessário fazer menção de todo tipo de resultados.

Propomos fazer uma revisão dos seguintes pontos, a fim de facilitar o relato do que conseguimos com a experiência inovadora:

- **Melhoras dos estudantes** que intervieram na experiência:
 - Aumento de competências, destrezas, habilidades, valores, etc.
 - Fomento da aprendizagem autônoma, da compreensão crítica do entorno, da tomada de decisões responsáveis, etc.
 - Facilitação da inserção no trabalho.
 - Desenvolvimento pessoal: incremento da auto-estima, eliminação de estereótipos, preconceitos, etc.
- **Melhoras dos docentes**
 - Aumento de seu reconhecimento social.
 - Inovação e melhora de suas formas de trabalho.
 - Incremento da auto-estima profissional.

■ Melhoras na instituição

- Fomento da filosofia da inovação.
- Interconexão com o entorno social, especialmente o laboral.
- Dotação de recursos externos.

■ Melhoras na comunidade educacional

- Implicação ativa dos pais
- Promoção do interesse pelas atividades escolares
- Aproximação da escola à empresa.

Interessa que se destaque por que valeu a pena realizar a experiência (avaliação)

Neste ponto haveremos de identificar aquilo que agora nos resulte mais importante da experiência, assim como assinalar as sugestões que permitirão melhorá-la.

Será de grande importância indicar o que mudaríamos se começássemos de novo. Estes são os chamados **pontos de melhora**, que podem ser assinalados tanto no planejamento (o que não tivemos em conta ou o que não foi realista), como no desenvolvimento ou, inclusive, na documentação que, no momento de relatar e mostrar aos outros, consideramos insuficiente.

No caso de uma **avaliação externa** tiver sido realizada (por exemplo, que outros docentes ou inspetores visitarem a instituição em pleno processo de realização da experiência e procederem a examinar o projeto), terão de marcar os aspectos que lhes parecerem inovadores e os pontos que destacarem.

Também é importante que vocês dêem sua opinião sobre se a experiência pode ser repetida ou se se considera que é impossível voltar a repeti-la devido às condições especiais nas quais se realizou (recursos disponíveis, etc.). Em tal sentido deve-se procurar que a redação do relato seja a mais objetiva possível, não transmitindo uma visão sobredimensionada que retraia os demais de tentá-la ao não se considerarem capazes de alcançar esse grau de excelência. Mas pode suceder o contrário: se do relato se desprende que não houve dificuldade nem obstáculos a superar, é provável

que outros docentes considerem que a experiência seja fácil de transferir, com o que também faltaríamos à representação do que realmente aconteceu.

Chegados a este ponto, interessa que, a partir de sua posição de especialistas em “seu projeto”, opinem sobre a **condição de transferível** do mesmo, ou seja, sobre se crêem que essa experiência poderia ser realizada em outra instituição educacional. Nesse caso, deve indicar-nos tanto os pontos nos quais se apóia sua afirmação como aqueles que o tenham levado a opinar o contrário.

Supondo que outra instituição educacional decida aplicar a experiência, por considerar que tem condições semelhantes as que existiam ao gestar e planejar a sua e lhe peça conselho, o melhor que pode fazer é assinalar as três **condições indispensáveis** para que a experiência possa ser repetida.

Nota

Desejamos que este breve manual tenha resolvido algumas de suas dúvidas sobre experiências educacionais inovadoras, e que haja contribuído a incentivá-los a narrar as que já realizaram. Estes foram os motivos pelos quais nos induziram a escrevê-lo.

Nosso agradecimento a Marta Libedinsky pela clareza com que expressou suas idéias e a recopilação de dados que oferece em seu livro *La innovación en la enseñanza. Diseño y documentación de experiencias de aula* (Paidós, 2001), do qual saíram algumas das propostas expostas. Recomenda-se sua leitura para aqueles que desejem aprofundar-se no tema.

BREVEMANUAL
PARAANARRAÇÃO
DEEXPERIÊNCIAS
INOVADORASBRE
VEMANUALPARA
ANARRAÇÃODEE
XPERIÊNCIASINO
VADOR. BREVEM
ANUALPARAANA

